

## O TEMA DE ANTÍOCO E SELEUCO NA TRADUÇÃO LATINA DO *DE DEA SYRIA* DE JORGE COELHO

Maria Luísa Resende  
resendemaria@campus.ul.pt  
Universidade de Lisboa

### ABSTRACT

In the prefatory letters to his Latin version of *De Dea Syria*, Jorge Coelho reveals to have amplified the story of Antiochus and Seleucus, in order to improve Lucian's Greek text. The purpose of this paper is therefore to analyse the most significant alterations undertaken by Jorge Coelho and to confront them with other Renaissance recreations of the theme of Seleucus.

### KEYWORDS

Antiochus, Seleucus, Lucian's *De Dea Syria*, Jorge Coelho.

Mal fezereis vós como Seleuco que deu sua própria mulher Estratónica a Antíoco seu filho sabendo ser ele namorado dela, que era sua madrasta<sup>1</sup>.

Contrariamente à representação de Seleuco como paradigma do amor paterno patente nos textos de Apiano, Plutarco, Valério Máximo e Luciano de Samósata<sup>2</sup>, a história do rei que abdicou da própria esposa em prol do seu filho assume na *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos contornos negativos, atuando como um *exemplum ex contrariis* que apresenta o monarca como um modelo a evitar. A oposição ao sensato Pisístrato, «tirano que perdoou ao mancebo que publicamente lhe beijou sua filha»<sup>3</sup>, coloca em evidência a licenciosidade do pai que permitiu o casamento de um

---

<sup>1</sup> Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*, Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI – Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinhentos.com/>> [acedido a 30-01-2019], fl. 155.

<sup>2</sup> V. Max. 5. 7. extr. 1; Plu. *Demetr.* 38; Lucianus *Syr. D.* 17-18; App. *Syr.* 59-60. Cf. R.L. Kennedy, “The Theme of «Stratonice» in the Drama of the Spanish Peninsula”, *Publications of the Modern Language Association of America* 55, 1940, 1010-1012; M.F. Silva, “Tradição Clássica no Auto de Camões *El-Rei Seleuco*”, *Humanitas* 56, 2004, 461-468; C. Suignard Beer, *La rivalité amoureuse entre père et fils sur la scène française du XVII<sup>e</sup> siècle : un schème transgénérique (1631-1685)*. Thèse de doctorat, Université de Paris-Sorbonne, Université de Neuchâtel, Paris, 2013, 254-256. A atribuição do *De Dea Syria* a Luciano de Samósata não é consensual. Sobre esta questão, ver especialmente L. Dirven, “The author of *De Dea Syria* and his cultural heritage”, *Numen* 44, 1997, 153-179 e J.L. Lightfoot, “Introduction” in Lucian, *On the Syrian Goddess*. Edited with Introduction, Translation, and Commentary by J.L. Lightfoot, Oxford, 2003, 184-208.

<sup>3</sup> Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*, fl. 155 «Certo melhor razão foi a de Perisistrato, tirano que perdoou ao mancebo que publicamente lhe beijou sua filha, dizendo: Se matarmos aos que nos amam que faremos aos que nos desamam?».

enteado com a sua madrasta e revela uma concepção da paternidade fundada na moderação, distinta da excessiva indulgência de Seleuco.

Apesar da dubiedade moral do tema, que evoca, em última instância, a problemática do incesto, a história de Seleuco e de Antíoco teve uma vasta disseminação na literatura europeia, mas, à excepção de Leonardo Bruni, poucos são os textos que garantem a continuação da leitura dos antigos, encontrando-se, na verdade, mais próximos da interpretação de Vasconcelos<sup>4</sup>.

Um estudo elaborado por Ruth Lee Kennedy demonstrou que a recuperação deste tópico em Espanha comportou, na maior parte dos casos, alterações que visavam evitar o final incestuoso, quer por meio da substituição do enlace por um final trágico, quer pela mudança da relação entre os amantes<sup>5</sup>. Referências explícitas à fábula – como na *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos – implicaram geralmente a condenação da conduta de Seleuco e a rejeição da imagem do monarca como um paradigma do amor paterno. É o caso do jurista salmantino Juan López de Palacio Rubio, que considera absurda a atitude do rei<sup>6</sup>, ou de João de Barros, ao evocar pais que «fezerom grandes extremos por filhos»<sup>7</sup>.

No panorama da literatura peninsular dos séculos XVI e XVII, a importância dada por Jorge Coelho ao episódio de Antíoco e Seleuco na tradução do *De Dea Syria* e a ausência de uma crítica explícita revela-se particularmente intrigante<sup>8</sup>. O próprio autor

<sup>4</sup> P. Pionchon, “Style, matière et morale tragiques dans un diptyque de nouvelles attribué à Leonardo Bruni (1370-1444)”, *Cahiers d'études italiennes* 19, 2014, 37-39. Em *La Celestina* de Fernando de Rojas há uma possível alusão à piedade de Seleuco, todavia, a referência encontra-se parcialmente mutilada, pelo que não é possível confirmar esta leitura (Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1014-1015). Nos *Triunfos* de Petrarca, Seleuco parece ser, tal como Estratonice e Antíoco, uma vítima do poder do Amor (*Triumphus Cupidinis* II. 103-129).

<sup>5</sup> Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1029. Em *Antíoco y Seleuco* de Moreto, Estratonice está prometida a Seleuco, não sendo ainda sua esposa (Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1022-1027). Já Lope de Vega, em *El castigo sin venganza*, preferiu a história de Casandra e Federico, cujo final trágico, que culminou na morte dos dois amantes, impediu a ligação do enteado com a esposa de seu pai (Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1020-1021). Mais recentemente, Vanda Anastácio referiu a existência de um romance de autor anónimo cujo final truncado silencia, nas palavras da estudiosa, «a possibilidade da cedência da esposa de Seleuco a seu filho, e com ela a evocação indirecta do tabu do incesto» (V. Anastácio, “Nota Breve acerca de El Rei Seleuco”, *Santa Barbara Portuguese Studies* 7, 2003, 216). Sobre a fortuna do tema de Seleuco na literatura francesa do século XVII, e a liberdade no tratamento das fontes, de forma a evitar o tabu do incesto, ver especialmente Suignard Beer, *La rivalité amoureuse...*, 257-262.

<sup>6</sup> Cf. Juan López de Palacio Rubio, *Repetitio de donatione inter uirum et uxorem*, Salamanca, 1523, fl. 56 (cit. apud E. Asensio, *Estudios Portugueses*, Paris, 1974, 288, n. 10): *Nihil enim est deterius marito quam de homine feri cervum... Absurdam igitur rem fecit Seleucus... qui uxorem suam adulterandam filio tradidit, quia ejus amore peribat.*

<sup>7</sup> João de Barros, *Espelho de Casados*, 2ª edição, conforme a de 1540. Publicada por Tito de Noronha e Antonio Cabral, Porto, 1874, fl. 4. Muito embora se possa ler no texto de Barros uma alusão à piedade de Seleuco, a inclusão da fábula entre as doze razões que «disfavorecem ho casamento» que o autor, na terceira parte do livro, refuta, permitem considerar o sacrifício do rei como um símbolo do descomedimento de um pai que antepõe à moral o amor pelo filho, pois «consintio o adultério que dizem que he mayor door que a morte dos filhos e que a morte própria». (João de Barros, *Espelho de Casados*, fl. 4v). Discordamos, portanto, de Eugenio Asensio (*Estudios...*, 295), para quem Seleuco é um exemplo de heroísmo.

<sup>8</sup> A tradução do *De Dea Syria* foi publicada por Jorge Coelho em 1540, numa obra que contém vários outros textos da sua autoria: *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nōnulla alia quae in fine uidebis*. [Lisboa]: apud Ludouicum Rothorigium, 1540, fls. 32v-59r. Sobre a tradução, cf. M.L. Resende, “From the Manuscript to the Printed Version: Investigating the Process of Self-Censorship in Jorge Coelho’s Latin Translation of *De Dea Syria*”, *Mediterranean Chronicle* 7, 2017, 235-245 e A. S. Martins, “Jorge Coelho e a tradução de Luciano, *De dea Syria*”, in *O Humanismo Português no Contexto da Europa: no 5º Centenário do Cicero Lusitanus, Jerónimo Osório (1515-1580)* (no prelo).

revela, numa carta a Lourenço de Cáceres preservada em estado manuscrito na Biblioteca Pública de Évora, que desenvolveu os discursos de Erasítrato e Seleuco de forma a mostrar a eloquência do autor grego e aperfeiçoar um episódio que, apesar de *pulcherrimus*, considerava demasiado sintético:

In Antiochi uero amoribus orationes ipsas Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum complexus fuerat, ipse eo consilio dilataui ac diduxi quod saluo authoris sensu, id gratum omnibus fore existimabam, tum etiam ut homini eloquentissimo Ionicam alioqui in eo libello breuitatem affectanti suus perpetuus ferme dictionis ac facundiae usus redderetur. Id enim et locus ipse longe pulcherrimus compressius certe ac aridius quam decebat tractatus et omnium hominum de luculentissimo scriptore opinio [...] <sup>9</sup>.

Em 1540, Jorge Coelho publicou, juntamente com a tradução, uma versão reformulada desta carta, em que suprimiu as razões apresentadas no manuscrito quase na totalidade, referindo apenas a *breuitas* de Luciano para justificar o desenvolvimento do episódio. Manteve, no entanto, o argumento de que preservava o sentido do autor, numa tentativa de garantir a fidelidade ao original:

Caeterum illud meminisse te uelim me in Antiochi amoribus orationes Seleuci et Erasistrati, quas Lucianus paucis admodum fuerat executus, idcirco pluribus uerbis dilatasse, quod, saluo authoris sensu, id non ingratum futurum existimarem <sup>10</sup>.

A relativa liberdade que, de um modo geral, caracterizara as primeiras traduções de Luciano – cujo caso mais célebre é a versão latina do décimo segundo dos *Dialogi Mortuorum* da autoria de Giovanni Aurispa <sup>11</sup> – estabelecia um precedente para a intervenção de Coelho. Além disso, as imitações que circularam como obras do sofista, nomeadamente a *Virtus Dea* de Leon Battista Alberti, ou o *Palinurus*, de Maffeo Vegio, revelam a ténue distinção que existia entre tradução e recriação, autorizando, em última instância, a reformulação do episódio <sup>12</sup>.

\*

---

<sup>9</sup> *Luciani De Dea Syria Liber Vnus Georgio Coelio Lusitano Interprete*, BPE cód. 229, fl. 35r («Na parte dos amores de Antíoco, resolvi dilatar e alongar os discursos proferidos por Seleuco e Erasítrato, que Luciano tratou com bastante brevidade, porque, salvaguardado o sentido do autor, considere que seria mais agradável para todos. Fi-lo para transmitir o quase constante domínio da dicção e da facúndia do homem mais eloquente, que, por sinal, procurava neste pequeno livro a brevidade jónica. Com efeito, isto era o que parecia reclamar e exigir, de certo modo, tanto o próprio texto, de longe muitíssimo belo, mas tratado de forma mais sucinta e árida do que convinha, como a opinião de todos os homens sobre sobre tão excelente escritor»). Todas as traduções da obra de Jorge Coelho apresentadas neste estudo são da nossa autoria).

<sup>10</sup> *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...* fl. 58r («Além disso, queria mencionar que, na parte dos amores de Antíoco, dilatei com bastantes palavras os discursos de Seleuco e de Erasítrato, que Luciano tinha apresentado muito brevemente, pois, resguardado o sentido do autor, considere que isto não seria desrespeitoso»).

<sup>11</sup> Sobre a tradução de Giovanni Aurispa, ver D. Cast, “Aurispa, Petrarch, and Lucian: An Aspect of Renaissance Translation”, *Renaissance Quarterly* 27, 1974, 157-173 e K. C. Sidwell, *Lucian of Samosata in the Italian Quattrocento*. Doctoral thesis, Cambridge University, Cambridge, 1975, 106-109.

<sup>12</sup> Sobre as imitações de Leon Battista Alberti, veja-se especialmente Marsh, *Lucian and the Latins...*, 33-35, 55-67 e Zappala, *Lucian of Samosata in the Two Hesperias. An Essay in Literary and Cultural Translation*, Potomac, 1990, 63-71. Relativamente ao *Palinurus* de Maffeo Vegio, cf. Sidwell, *Lucian of Samosata...*, 222-226, Marsh, *Lucian and the Latins...*, 67-71 e Zappala, *Lucian of Samosata...*, 53-55.

Muito embora se trate, efectivamente, de uma reescrita do original, e não de uma tradução, a ressalva dada por Coelho ao afirmar que manteve o sentido do texto não se afigura totalmente inadequada. De facto, apesar de ter recorrido a outras fontes documentais para completar lacunas de Luciano, como o nome de Erasítrato ou a referência a Seleuco como herdeiro de Alexandre o Grande<sup>13</sup>, a sua intervenção limitou-se, em grande medida, ao desenvolvimento de tópicos originalmente presentes no *De Dea Syria*.

O recurso à paráfrase, a tradução de termos simples por expressões complexas e a introdução de adjectivos e advérbios inexistentes no original são, assim, algumas das estratégias usadas para ampliar o episódio e reforçar o carácter patético de um tema tão glosado na época.

O modo como Coelho descreve a situação de Antíoco é ilustrativa, pois, ainda que o vocabulário relacionado com a doença seja bastante frequente no texto grego, a caracterização do jovem como *aeger*, *miser*, *infoelix*<sup>14</sup> e o método de tradução que privilegia a *copia uerborum* contribuem para acentuar a gravidade de uma doença que tem como consequência previsível a sua morte<sup>15</sup>. Além do elogio do *ingenium* do médico inexistente no original, ou da descrição do corpo de Antíoco como muito doente (*aegerrime*), é evidente o recurso a expressões complexas para traduzir verbos simples, no sentido em que ἐνόσσεε é vertido por *gravi morbo conflictabatur* e ἀλγέων οὐδέν por *nihil doloris indicans*:

ὡς γάρ μιν ἡ συμφορὴ κατέλαβε, ἀμηχανέων τῷ κακῷ αἰσχυρῷ δοκέοντι κατ' ἠσυχίην ἐνόσσεε· ἔκειτο δὲ ἀλγέων οὐδέν. καὶ οἱ ἢ τε χροὴ πάλπαν ἐτρέπετο καὶ τὸ σῶμα δι' ἡμέρης ἐμαραίνετο. ὁ δὲ ἰητρὸς ὡς εἶδέ μιν ἐς οὐδέν ἐμφανὲς ἀρρωστέοντα, ἔγνω τὴν νοῦσον ἔρωτα ἔμμεναι<sup>16</sup>.

Vbi enim miseria iuuenem inuasisset, nec ille grassanti iam malo potis esset reluctari, quippe qui ingentem turpitudinem, si amorem aperiret, uerebatur, tacitus graui morbo conflictabatur. Iacebat autem nihil omnino doloris indicans, at color penitus immutatus erat corpusque aegerrime habens in dies magis tabescebat. Sed medicus, cum acri ingenio perspiceret nullius morbi causam apparere, continuo amoris perturbationem ratus est<sup>17</sup>.

<sup>13</sup> Cf. *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...* fl. 42v: *Quid autem eo principe qui se magni illius Alexandri successorem iactat magis indignum?* («Na verdade, o que poderia ser mais indigno do soberano que se vangloria de ser o sucessor do magno Alexandre?»).

<sup>14</sup> Cf. *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...* fl. 40v: *corpusque aegerrime habens; aeger amore iuuenis*; fl. 41r: *aegroto Antiocho*; fl. 41v: *infoelicissimo iuueni*; fl. 41v-42r: *miserrimus Antiochus*; fl. 42v: *Antiocho [...] periclitanti*.

<sup>15</sup> Ao contrário do que ocorre no *De Dea Syria*, na tradução de Jorge Coelho esta possibilidade também é equacionada pelo médico, não apenas por Seleuco. Cf. e.g. *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...* fl. 40v-41r.

<sup>16</sup> *Lucianus Syr. D. 17*. («De facto, quando a desgraça se abateu sobre ele, e como não soubesse o que fazer a um mal que lhe parecia vergonhoso, o jovem sofria em silêncio, prostrado sem sentir qualquer dor física, mas a sua tez ia ficando completamente alterada, e o seu corpo ia definhando de dia para dia. Então o seu médico, vendo que ele estava doente sem causa aparente, reconheceu que se tratava da doença de amor». Tradução de Magueijo, *Luciano VII...*, 190).

<sup>17</sup> Cf. *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...* fl. 40r-40v («Quando a tristeza se apoderou do jovem, ele já nem era capaz de combater o avanço do mal, pois temia uma grande infâmia, caso descobrissem o seu amor, e era atormentado, em silêncio, pela grave doença. Jazia, assim, sem revelar qualquer sofrimento, mas a sua cor mudava completamente e o seu corpo debilitava-se, ficando cada dia mais enfermo. Contudo, o médico, ao perceber, com uma aguçada perspicácia, que não existia causa visível de nenhuma doença, imediatamente entendeu que se tratava de uma perturbação de amor»).

O diagnóstico de Erasístrato de que o mal de Antíoco não se tratava de uma doença física não diminui a gravidade da situação. Na verdade, o carácter destrutivo da paixão é evidenciado pelo próprio médico, que a qualifica como *insania* e *perturbatio*<sup>18</sup>, recuperando assim a referência à natureza maníaca do amor presente no termo grego φρενοβλαβείη<sup>19</sup>.

A opção de verter por vários termos uma única palavra grega e de inserir advérbios inexistentes no original é, mais uma vez, reveladora do método de tradução de Jorge Coelho e do seu objectivo de enfatizar a violência do sentimento de Antíoco<sup>20</sup>. A imagem resultante corresponde à apresentada no Prefácio, em que o príncipe é considerado uma vítima do amor *indomitus saeuusque tyrannus*, subjugado por uma paixão que o consome completamente e que, em última instância, o isenta de qualquer responsabilidade<sup>21</sup>.

Contrariamente a Erasístrato, que se refere ao suposto amor de Antíoco pela sua esposa como um *crimen*<sup>22</sup>, um *nefarium uotus* que transgride as leis humanas e divinas<sup>23</sup>, para Seleuco o verdadeiro crime seria permitir a sua morte, uma vez que, sendo o herdeiro do trono, esta representaria a destruição do império<sup>24</sup>. A sua preocupação com o filho, mais evidente quando comparada com a brevidade da narração de Luciano<sup>25</sup>, contribui em grande medida para transmitir a imagem de um *pater indulgentissimus* cuja *pietas* e

<sup>18</sup> Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*... fl. 40v-41r: *Namque illum turpis amoris insania in ancipitem perturbationem mente externata coniecit [...]* («Na verdade, a loucura de um amor infame lançou-o para uma dúbia perturbação, deixando a sua mente alienada [...]).

<sup>19</sup> Lucianus Syr. D. 18: [...] ἔρωσ δέ μιν καὶ φρενοβλαβείη ἔχει («[...] mas a paixão amorosa e a loucura tomaram posse dele»). Tradução de Magueijo, *Luciano VII*..., 190).

<sup>20</sup> Cf. e.g. a tradução de ἔρωσ (Lucianus Syr. D. 18) por *turpis amoris insania* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 40v); do verbo φιλέω (Lucianus Syr. D. 18) pela expressão *perditissime deperit* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 41r) ou ainda ποθέω (Lucianus Syr. D. 18) por *efflictim et miserabiliter deperit [...]* *desyderio perdit supraque modum exardet* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 43r).

<sup>21</sup> Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 32v-33v.

<sup>22</sup> Antes de revelar a verdade a Seleuco, Erasístrato caracteriza a paixão de Antíoco como *turpis amoris insania* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 40v); *crimen* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 41r); *nefarium uotum* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 41r); *scelus* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 41r) e *iniquitas* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 42v).

<sup>23</sup> Cf. Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 41r: [...] *filius enim tuus Antiochus contra fas, contra pium meam unius uxorem perditissime deperit, ut, nisi nefarii uoti compos fiat, se quam celeriter moriturum esse dicat.* ([...] «o teu filho Antíoco, contra o que é lícito, contra o que é pio, apaixonou-se perdidamente pela minha esposa legítima, de tal forma que diz que morrerá em breve, se não realizar o seu sacrílego desejo».)

<sup>24</sup> Lucianus Syr. D. 18: πένθος ἔγειρε πάση βασιληίῃ («Não levantes [...] uma onda de luto por todo o reino»). Tradução de Magueijo, *Luciano VII*..., 190).

<sup>25</sup> Cf. e.g. a tradução de ὡς δὲ τάδε ὁ ἰητρὸς ἤκουσε [...] ἔφη (Lucianus Syr. D. 18, «Então, o médico, ao ouvir estas palavras, disse [...]). Tradução de Magueijo, *Luciano VII*..., 191): *Cum haec queribunda uoce inter gemitus singultusque miser senex excusaret, non ultra tulit Erasistratus optimi Regis patrisque indulgentissimi lachrymas, sed ita demum eius animo explorato sermonem medium hisce uerbis interruptit.* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 43r. «Uma vez que o desgraçado ancião alegava estas coisas com uma voz lastimosa, entre gemidos e soluços, Erasístrato não suportou mais as lágrimas de tão bom rei e de um pai indulgentíssimo, mas, depois de ter, finalmente, examinado o seu espírito, interrompeu o discurso a meio com as seguintes palavras [...]). Já anteriormente fora referida a preocupação de Seleuco: [...] *Seleucum patrem, uehementer de unico filio anxium [...]* (Georgij Coelli Lusitani *De Patientia Christiana*..., fl. 40v. «[...] o pai Seleuco, extremamente ansioso por causa do seu único filho [...]).

*clementia* são amplamente elogiadas no discurso final do médico<sup>26</sup>. São, de facto, abundantes as referências às suas preces e lágrimas<sup>27</sup>, ou as alusões a Antíoco como *senectutis requies* e *senectutis solatium*, a complementar a qualificação como *spes sanguinis* e *regni subsidium*<sup>28</sup>.

No final, a imagem de Seleuco apresentada por Jorge Coelho revela-se directamente influenciada pela literatura antiga. O recurso à *amplificatio*, o carácter excessivo das reacções de Seleuco e de Erasístrato, que não hesita em prometer ao rei uma vingança póstuma<sup>29</sup>, ou a descrição exagerada dos sintomas de um amor desmedido ampliam notoriamente a história do rei que cedeu a esposa ao seu próprio filho, dando-lhe uma importância que não tinha, de forma alguma, no texto original.

\*

Independentemente de uma possível influência da tradução latina de Jorge Coelho no *El-Rei Seleuco* atribuído a Luís de Camões, hipótese que se afigura pouco provável<sup>30</sup>, o tratamento do tema é bastante semelhante, na medida em que nenhuma das obras evita o problema do incesto. De facto, apesar da originalidade do auto<sup>31</sup>, este não contém qualquer alteração da intriga principal e mantém a problemática do incesto na forma do casamento de um enteado com a sua madrasta<sup>32</sup>. E se, como aduz Asensio, a história

<sup>26</sup> *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...*, fl. 43r: *Clemmentiamne prius laudem an pietatem tuam admirer, Rex Seleuce? Etenim pari gradu ad utriusque uirtutis fastigium emicuiisti, cum et audaciam meam, quae secum imperii salutem trahere uidebatur, modestissime tulisti et nati uitam, quam maximo pretio redimere non dubitasti.* («Hei-de primeiro louvar a tua clemência, ou admirar a tua piedade, Rei Seleuco? Com efeito, elevaste-te, em igual medida, ao cume de ambas as virtudes, ao suportares com tamanha moderação a minha audácia, que parecia comprometer a salvação do império, e também a vida do teu filho, que não hesitaste salvar pelo maior preço».).

<sup>27</sup> *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...*, fl. 41r-41v; fl. 43r.

<sup>28</sup> *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...*, fl. 41v e 42r. Depois de revelar a verdade a Seleuco, Erasístrato recupera expressões usadas anteriormente pelo rei e também se refere a Antíoco como *spes regni* e *securitas imperii* (*Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...*, fl. 43v).

<sup>29</sup> Cf. *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana...*, fl. 41r: *Quod si te nihil, nec diuina, nec humana iura in meum dedecus curare sensero, ne illam quidem me, ociose spectante, quispiam auferet priusquam deos penates, coniugii nostri testes, cruore meo polluat contemeretque ut, cum scelus sceleri accumulatum fuerit grauius, dii immortales in tantam impietatem animaduertant.* («Porque se sentir que tu, para minha desonra, não tens nenhuma consideração nem pelos juramentos divinos nem pelos humanos, não ficarei quieto a observar enquanto alguém ma tira, sem deixar de poluir e manchar com o meu sangue os deuses penates, testemunhas do nosso casamento, de forma a que, tornando o crime mais grave ao acumulá-lo com outro crime, os deuses imortais castiguem tão grande impiedade».); fl. 42r-42v: *Cedere enim necessum est; deos tamen ultores et quos tu, scilicet impietate tua, infestos tibi reddidisti nunquam obstari desinam cumque in illam umbrarum aeternam domum descendero, acerbissimum mei doloris sensum integrum illuc perferam omniumque poenarum genera in acceptae calamitatis ultionem prouocabo.* («Na verdade, é necessário ceder, mas eu jamais deixarei de invocar os deuses vingadores e aqueles que tu, devido à tua impiedade, certamente tornaste teus inimigos, e, assim que descer à eterna morada das sombras, levarei comigo, intacto, o amargo sentimento da minha dor e incitarei todo o tipo de expiações para vingar o ultraje que recebi».)

<sup>30</sup> Cf. Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1017.

<sup>31</sup> Sobre a questão da originalidade do tratamento do tema no auto *El Rei Seleuco*, ver especialmente Asensio, *Estudios...*, 294 e M.I. Rodrigues, “O Auto d’El-Rei Seleuco: oportunidade e sentido de um trabalho dramático”, *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*, São Paulo, 1987, 399-418.

<sup>32</sup> A fortuna do tema no renascimento europeu impede a identificação das fontes que estiveram na origem do auto camoniano. A disponibilidade das versões de Apiano, Plutarco e Luciano em tradução na primeira metade do século XVI, assim como a disseminação dos comentários aos *Trionfi* de Petrarca na versão castelhana de Obregón sugerem a possibilidade de uma *contaminatio* de várias fontes. Cf. Kennedy, “The

coloca no centro o poder do amor<sup>33</sup>, a imagem de Seleuco como o pai capaz «de tal amor / e de tal humanidade» perpetua a lição dos antigos, sem que pese a habitual condenação dos textos quinhentistas<sup>34</sup>.

Ora, a ousadia de Camões e a semelhança do tema de Antíoco com o episódio histórico do casamento de D. Manuel I com D. Leonor (1518), inicialmente prometida ao seu filho, o príncipe herdeiro D. João, levou alguns críticos a interpretar o auto camoniano como uma condenação do rei português<sup>35</sup>.

Todavia, se, como argumentava Asensio, passados mais de trinta anos entre este caso e a provável data de elaboração da comédia<sup>36</sup> era pouco plausível a utilização do tema como um *exemplum*<sup>37</sup>, a primeira versão da tradução de Coelho – infelizmente perdida – remonta aos primeiros anos da década de vinte e a sua reformulação, que possivelmente coincide com o manuscrito preservado na Biblioteca Pública de Évora, é anterior a 1531<sup>38</sup>.

---

Theme of Stratonice...”, 1017-1018; Asensio, *Estudios...*, 288-295; Anastácio, “Nota Breve...”, 213-214 e Silva, “Tradição Clássica...”, 469-484.

<sup>33</sup> Asensio, *Estudios...*, 294.

<sup>34</sup> Luís de Camões, *El-Rei Seleuco*, in *Teatro Completo de Camões*. Prefácio, notas e fixação do texto: Vanda Anastácio, Porto, 2005, 300 (vv. 911-912). Curiosamente, n’ *Os Lusíadas* aparece como um exemplo de «amor nefando»: «Exemplos mil se vêm de amor nefando, / qual o das moças Bíbli e Cinireia, / **um mancebo de Assíria**, um de Judeia» (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, 9. 6-8. Destaque nosso). A particularidade do tratamento no auto de *El-rei Seleuco* é evidenciada por Kennedy, “The Theme of Stratonice...”, 1018: «In the Spanish peninsula it is the only instance that has come to my attention where the original story has been dramatized without change. Even Torres Naharro, child of the Renaissance that he was in some ways, had rejected marriage of son and stepmother».

<sup>35</sup> Cf. e. g. A.F.G. Bell, *Studies in Portuguese Literature*, Oxford, 1914, 124: «[...] Camões was banished from Lisbon, probably in the beginning of the year 1549. The subject of the *Auto d’El -REI Seleuco*, with its reflections on the conduct of the late King Manoel, may have contributed to his disgrace». Esta leitura foi contestada por Asensio, *Estudios...*, 295 e H. Cidade, *Luís de Camões*, Lisboa, 1971, 215-216, entre outros.

<sup>36</sup> Tendo em conta que o auto permaneceu desconhecido até 1645, ignora-se a data da sua produção. Para Bell, *Studies in...*, 123, data de 1549; Asensio (*Estudios...*, 287-288) propõe que seja posterior a 1550, devido a uma possível influência da *Comédia de Bristo* de António Ferreira. Segundo M. I. Rodrigues, “O Teatro no Teatro: a propósito de El-Rei Seleuco e de outros autos quinhentistas”, *Arquivos do Centro Cultural Português* 16, 1981, 471-472, terá sido elaborada entre 1542 e 1553. Sobre os problemas de atribuição e de autoria do auto, ver V. Anastácio, “*El Rei Seleuco*, 1645. (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões)”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 2, 2005, 327-342.

<sup>37</sup> Cf. Cidade, *Luís...*, 216: «Observemos que tal casamento se dera em 1518, quando Camões ainda não era nascido. Não é provável que, a tal distância e quando, morto o régio consorte, tudo seria perdoado, a libidinez do velho monarca pudesse ser objecto de sátira – e em casa de áulico de D. João III». Para Anastácio (“Nota Breve...”, 217), a estrutura do auto, organizada de forma a que a história de Seleuco se encontre dentro «do teatro» permite um distanciamento do espectador: «Ao apresentar a história do Rei Seleuco e da rainha Estratónica como *teatro*, ou seja, como um texto posto em cena pelos actores da representação a que se assiste, o dramaturgo parece procurar, de facto, distanciá-la do espectador, e o contraste entre as duas intrigas contribui para acentuar esse efeito. Duplamente encenada como *representação*, a fábula antiga de Seleuco não só passa a ser apresentada como algo que corresponde a um *outro tempo*, como está situada *fora do tempo*. É assim expressamente conotada com a *ficção*, esse lugar paralelo (ou virtual) para onde podem ser remetidas, sem consequências, todas as implicações censuráveis». Sobre a situação de *teatro dentro do teatro* em obras portuguesas do século XVI, ver especialmente o artigo de Rodrigues, “O Teatro...”.

<sup>38</sup> A análise da tradução de Jorge Coelho está a ser desenvolvida como parte da minha tese de Doutoramento “*Studia graeca* em Portugal no século XVI: leitores e tradutores de Luciano de Samósata” (SFRH/BD/95419/2013). Entre as principais razões para a datação do manuscrito como anterior a 1531 encontra-se a resposta de Lourenço de Cáceres à epístola de Jorge Coelho, que foi incluída na versão

A centralidade conferida aos *amores de Antíoco* pode, na verdade, ser interpretada como uma alusão à atitude de D. Manuel, desprestigiante quando comparada com a de Seleuco, ou ainda uma manifestação do seu apoio à união de D. João III com D. Leonor, já depois da morte do seu pai. Não esqueçamos que Coelho estava ao serviço da corte portuguesa desde pelo menos 1526<sup>39</sup> e, de acordo com os testemunhos dos cronistas, este foi um caso que impressionou o meio áulico: tanto Damião de Góis como Francisco de Andrada evidenciam a contrariedade do príncipe ao saber do casamento de seu pai<sup>40</sup> e os anais de Frei Luís de Sosa dão conta de um movimento generalizado de apoio ao casamento de D. João III com a rainha viúva<sup>41</sup>.

Contudo, devido à inexistência de referências explícitas, qualquer tentativa de compreensão da razão pela qual um tema tratado com tanta prudência por outros autores não sofreu qualquer alteração na obra de Jorge Coelho e no auto camoniano está devotada ao insucesso. A preferência de Jorge Coelho poderia explicar-se apenas por um gosto por histórias de amor ou, por outro lado, com a intenção de desenvolver uma característica associada a Luciano tão pouco explorada neste opúsculo: os seus diálogos. Independentemente da sua intenção, a semelhança entre a história de Antíoco e a situação portuguesa, associada à tradição de adaptar a sátira de Luciano a assuntos contemporâneos, dificilmente permitiria uma leitura inofensiva deste episódio, sobretudo quando foi alvo de tão flagrante amplificação.

## BIBLIOGRAFIA

- V. Anastácio, *Luís de Camões. El-Rei Seleuco, Teatro Completo de Camões*, Porto, 2005  
 V. Anastácio, “Nota Breve acerca de El Rei Seleuco”, *Santa Barbara Portuguese Studies* 7, 2003, 213-220

---

impresa. Em 1531 Lourenço de Cáceres já tinha morrido, o que indica que já existia, antes deste ano, uma versão revista da tradução.

<sup>39</sup> Sobre Jorge Coelho, ver especialmente J.S. Terra, “O Humanista Português Jorge Coelho e a sua correspondência com os Cardeais Bembo e Sadoletto”, in André Joucla-Ruau (ed.), *Mélanges à la mémoire d’André Joucla-Ruau*, Aix-en-Provence, 1978, 1133-1160; H. Crespo, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, livraria e matearia do rei”, *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11, 2011, 589-590, n.6; H. Crespo, “André de Resende na Inquisição de Évora e a apologética anti-judaica: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito. Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelho”, in António Andrade – João Torrão et al. (edd.), *Humanismo, Diáspora e Ciência (séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo, Exposição*, Porto, 2013, 163-164.

<sup>40</sup> Cf. Damião de Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*. Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra, 1926, Parte IV, cap. 34 e Francisco de Andrada, *Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom João o III. deste nome*, Lisboa, 1613, cap. 5; fls. 4v-5.

<sup>41</sup> Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, Lisboa, 1951, vol. 1, 73-75: «[...] o duque D. Gemes, como velho e muito amigo do serviço del-rei, tratando-se do casamento que melhor lhe estaria, mostrava com vivas e eficazes razões que nenhũa cousa convinha mais a el-rei e ao reino que casar com a rainha sua madrastra, visto como, pero o ponto de se esperar dela sucessão, já viam que era moça e sabiam não ser estéril. [...] Não havia na terra quem tivesse por desacertado este conselho senão só a pessoa a quem mais tocava e melhor estava, que era o mesmo rei. Não lhe sofria o ânimo haver de tratar amores, inda que santos e castos, com a mulher que o fora de seu pai. Parecia-lhe cousa fea pera seu nome, agravo pera o defunto e ajuntamento indigno de ãa rainha de Portugal [...]». Cf. Francisco de Andrada, *Cronica do muyto alto...*, fl. 18v.

- V. Anastácio, “*El Rei Seleuco*, 1645 (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões)”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 2, 2005, 327-342
- F. de Andrada, *Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes Reynos de Portugal Dom Ioão o III. deste nome*, Lisboa, 1613
- E. Asensio, *Estudios Portugueses*, Paris, 1974
- J. de Barros, *Espelho de Casados*, Porto, 1874
- A.F.G. Bell, *Studies in Portuguese Literature*, Oxford, 1914
- J. Camões, *J. F. de Vasconcelos, Comédia Eufrosina*, Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI – Base de dados textual [on-line]. <<http://www.cet-e-quinheiros.com/>> [acesso 30-01-2019]
- D. Cast, “Aurispia, Petrarch, and Lucian: An Aspect of Renaissance Translation”, *Renaissance Quarterly* 27, 1974, 157-173
- H. Cidade, *Luis de Camões*, Lisboa, 1971
- J. Coelho, *Georgij Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus. Item nõnulla alia quae in fine uidebis*, Lisboa, 1540
- H. Crespo, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei”, *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11, 2011, 587-688
- H. Crespo, “André de Resende na Inquisição de Évora e a apologética anti-judaica: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito. Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelho”, in António Andrade – João Torráo et al. (edd.), *Humanismo, Diáspora e Ciência (séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo, Exposição*, Porto, 2013, 151-212
- L. Dirven, “The author of *De Dea Syria* and his cultural heritage”, *Numen* 44, 1997, 153-179
- D. de Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, Coimbra, 1926
- R.L. Kennedy, “The Theme of «Stratonice» in the Drama of the Spanish Peninsula”, *Publications of the Modern Language Association of America* 55, 1940, 1010-1032
- J.L. Lightfoot, “Introduction” in Lucian, *On the Syrian Goddess. Edited with Introduction, Translation, and Commentary by J.L. Lightfoot*, Oxford, 2003, 1-246
- A. S. Martins, “Jorge Coelho e a tradução de Luciano, *De dea Syria*”, in M<sup>a</sup>. C. Pimentel et al. (edd.), *O Humanismo Português no Contexto da Europa: no 5º Centenário do Cícero Lusitanus, Jerónimo Osório (1515-1580)* (no prelo).
- A.J. da Costa Pimpão, *Luis de Camões, Os Lusíadas*, Lisboa, 2000<sup>4</sup>
- P. Pionchon, “Style, matière et morale tragiques dans un diptyque de nouvelles attribué à Leonardo Bruni (1370-1444)”, *Cahiers d'études italiennes* 19, 2014, 29-43
- M.L. Resende, “From the Manuscript to the Printed Version: Investigating the Process of Self-Censorship in Jorge Coelho’s Latin Translation of *De Dea Syria*”, *Mediterranean Chronicle* 7, 2017, 235-245
- M.I. Rodrigues, “O Teatro no Teatro: a propósito de El-Rei Seleuco e de outros autos quinhentistas”, *Arquivos do Centro Cultural Português* 16, 1981, 469-485
- M.I. Rodrigues, “O Auto d’El-Rei Seleuco: oportunidade e sentido de um trabalho dramático”, in *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*, São Paulo, 1987, 399-418
- K.C. Sidwell, *Lucian of Samosata in the Italian Quattrocento*. Doctoral thesis, Cambridge University, Cambridge, 1975.

- M.F. Silva, “Tradição Clássica no Auto de Camões *El-Rei Seleuco*”, *Humanitas* 56, 2004, 461-484
- F.L. de Sousa, *Anais de D. João III*, Lisboa, 1951
- C. Suignard Beer, *La rivalité amoureuse entre père et fils sur la scène française du XVIIe siècle: un schème transgénérique (1631-1685)*, Thèse de doctorat, Université de Paris-Sorbonne – Université de Neuchâtel, Paris, 2013
- J.S. Terra, “O Humanista Português Jorge Coelho e a sua correspondência com os Cardeais Bembo e Sadoletto”, in André Joucla-Ruau (ed.), *Mélanges à la mémoire d’André Joucla-Ruau*, Aix-en-Provence, 1978, 1133-1160
- M.O. Zappala, *Lucian of Samosata in the Two Hesperias. An Essay in Literary and Cultural Translation*, Potomac, 1990